



A documentação da Arquitetura Eclética no acervo da Fundação Joaquim Nabuco

Rodrigo Cantarelli¹

¹Fundação Joaquim Nabuco
52061-540 – Recife – PE – Brazil

rodrigo.cantarelli@fundaj.gov.br, rodrigocantarelli@gmail.com

Abstract. *Gathering an expressive iconographic collection, the Fundação Joaquim Nabuco's Centro de Estudos da História Brasileira has in its collections several architectural documents from buildings dating from the colonial period to modernist expressions of the 20th century. The article investigates where and how historicist architecture, especially Eclectic, produced throughout the 19th century and in the first decades of the 20th century, is documented in the institution's iconographic collection, giving a special focus to the Coleção Eclétismo, the result of a research held in the 1980s, which had its catalog launched in 2020.*

Resumo. *Reunindo um expressivo acervo iconográfico, o Centro de Estudos da História Brasileira da Fundação Joaquim Nabuco, possui em suas coleções diversos registros arquitetônicos que vão desde edificações datadas do período colonial a expressões modernistas do século XX. O artigo investiga onde e como está documentada a arquitetura de cunho historicista, especialmente a Eclética, produzida ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, no acervo iconográfico da instituição, dando um enfoque especial à Coleção Eclétismo, fruto de uma pesquisa realizada nos anos de 1980, que teve seu catálogo lançado no ano de 2020.*

1. Introdução

Criado, em 1949, na cidade do Recife, com a missão de desenvolver estudos sociológicos sobre as condições de vida do trabalhador das zonas rurais nas atuais regiões Norte e Nordeste do Brasil, o, então, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco, a Fundaj, desde o princípio, reuniu um acervo para dar subsídio ao desenvolvimento das suas atividades. A pesquisa e a documentação de interesse histórico, social, científico e cultural mantiveram um estreito diálogo que, de início, resultou na instalação de uma biblioteca, a atual Biblioteca Blanche Knopf, com um conteúdo especializado em Ciências Sociais e Humanas. Aos poucos, no entanto, o acervo da instituição foi sendo acrescido de diversos documentos coletados ao longo das pesquisas de campo, o que resultou no processo de criação do Museu de Antropologia, em 1961, instalado no Bloco B do Edifício Francisco Ribeiro, na sede da instituição.

O acervo museológico apresentou um expressivo crescimento quando, em 1967, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, o IJNPS, absorveu os bens culturais do



extinto Museu de Arte Popular, pertencente ao Governo do Estado de Pernambuco, que funcionava no Horto de Dois Irmãos. Uma maior ampliação do acervo da instituição, no entanto, se deu dez anos depois, em 1967, quando o Instituto incorporou os bens patrimoniais pertencentes ao Museu do Açúcar, instituição idealizada por Gil de Methódio Maranhão, criada em 3 de agosto de 1960, e vinculada ao, já extinto, Instituto do Açúcar e do Alcool, o IAA. A partir da união dos acervos desses três museus, foi criado, em 21 de julho de 1979, o Museu do Homem do Nordeste, que, desde a sua abertura, contou, na sua exposição de longa duração, com núcleos específicos voltados à arquitetura da região nordestina, especialmente, nas áreas de tradição açucareira. O acervo exposto contava com peças como fragmentos de cantaria de capelas rurais, tijolos e telhas datados do período colonial, além de alguns objetos muito relacionados à arquitetura historicista presente em Pernambuco ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tais como alegorias e esculturas de louça, painéis de azulejos europeus, fragmentos de lambrequins, balaústres e gradis, dentre muitos outros bens integrados à arquitetura.

No entanto, a documentação de uma arquitetura de cunho historicista, especialmente a Eclética, se faz presente não apenas no acervo do Museu, mas também no do Centro de Estudos da História Brasileira, o Cehibra, criado, em 1974, com o objetivo de reunir, organizar, estudar, pesquisar e contribuir para a divulgação dos documentos relativos à História Brasileira. É nesse setor da Fundação que estão reunidos os acervos textuais, fonográficos, cinematográficos e iconográficos da instituição, sendo no conjunto iconográfico, especialmente aquele relativo a fotografias e cartões postais, onde podemos localizar uma expressiva documentação arquitetônica que ultrapassa as fronteiras do Recife e de Pernambuco, abarcando tanto o restante do país, quanto outros lugares no mundo. O objetivo desse artigo, é investigar onde e como está documentada a arquitetura eclética nesse acervo iconográfico, dando um enfoque especial à coleção **Eclétismo**, fruto de uma pesquisa realizada pela própria Fundação Joaquim Nabuco, nos anos de 1980.

2. A presença da arquitetura eclética no acervo do Cehibra

Atualmente, o acervo fotográfico sob a guarda do Cehibra totaliza, aproximadamente, 270.000 documentos, não estando presente nesse número a recente doação, feita pelos herdeiros, do acervo da **Acê Filmes/Alcir Lacerda**, que totaliza cerca de 500.000 negativos. Distribuídas em mais de cento e cinquenta coleções, esse conjunto expressivo de imagens foi formado tanto a partir de pesquisas próprias, realizadas pela Fundação Joaquim Nabuco, quanto pela compra, doação ou incorporação de acervos pertencentes a particulares e instituições já extintas.

Apesar de existir uma pequena coleção intitulada **Arquitetura e Urbanismo**, a maciça documentação de exemplares arquitetônicos se faz presente num vasto rol de coleções sob a guarda da instituição. Intrinsecamente ligado à trajetória da instituição, a temática da economia açucareira se faz presente de muitas formas no acervo do Cehibra, e no que tange a arquitetura, algumas coleções merecem destaque, como a **Gileno de Carli**, que registra as edificações componentes de engenhos e usinas de açúcar, como casas-grandes, capelas, moitas, rodas d'água, habitações rurais de pequeno porte, represas, aquedutos, dentre outras, até às diversas coleções produzidas pelo Museu do Açúcar, documentando técnicas fabris de produção, edificações e vales açucareiros.

O Recife é um outro tema recorrente nessas coleções fotográficas, estando presente das mais diversas formas em coleções como a **Wilson Carneiro da Cunha**, fotógrafo que registrou as principais transformações urbanas no centro da cidade na década de 1970; a **Alexandre Bérzin**, que registra tanto monumentos históricos quanto aspectos rurais dos arredores da capital pernambucana; a **Mário Russo**, que registra a experiência desse arquiteto italiano na cidade, durante o anos de 1950; a **Ecletismo**, que é um precioso registro, feito na década de 1980 a partir de uma pesquisa da própria Fundaj, da arquitetura residencial recifense construída entre os anos de 1840 e 1940, que detalharemos nesse texto mais adiante; a **Benício Dias**, que cobre um grande período de transformações urbanas do Recife do final do século XIX até a primeira metade do século XX, com fotografias tanto de autoria do titular da coleção quanto de fotógrafos importantes para a história da fotografia no Brasil, como Francisco du Bocage e Constantino Barza. A **Figura 1**, de autoria desconhecida, faz parte dessa coleção e documenta bem algumas edificações ecléticas localizadas no Bairro do Recife, em 1920, após as grandes demolições ocorridas na área central da capital pernambucana na década de 1910. A imagem mostra tanto edifícios que ainda estão presentes na paisagem construída dessa região quanto outros que desapareceram, como é o caso do sobrado localizado na extrema esquerda imagem, coroado com uma mansarda, mostrando que esse elemento, hoje já desaparecido das construções ecléticas do Recife, fez parte da paisagem urbana recifense no começo do século XX.



Figura 1. Trecho da Avenida Rio Branco, Recife, Pernambuco. Autoria não identificada, 1920. Coleção Benício Dias. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Apesar desse grande destaque na cidade que é sede da instituição, o acervo também é bastante rico em relação a outros lugares e temáticas. É o caso, por exemplo, da coleção **Juventino Gomes Cardoso de Albuquerque**, que documenta desde tipos humanos, fauna e flora além de paisagens naturais e construídas de diversas regiões do Brasil, com registros no Recife, Olinda, Igarassu, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ouro Preto e São Paulo, dentre outras localidades. Nesse contexto, ainda merece destaque a coleção pertencente ao extinto **Museu de Antropologia** do Instituto

Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, que faz uma ampla documentação da região Nordeste, mostrando aspectos como o trabalho, a arquitetura, o transporte, a cultura, as religiões e, sobretudo, as pessoas dessa região. Uma diversidade de localidades, no entanto, se amplia de sobremodo com as diversas coleções de Cartões Portais, onde merece destaque coleções como a **Augusto Oliveira**, a **José de Paiva Crespo** e a **Josebias Bandeira**, que além de documentar outras regiões do Brasil, também o fazem em relação a outros países do mundo. A **Figura 2** é um desses postais, pertencente à coleção **Augusto Oliveira**, que mostra a Catedral de Notre-Dame d'Afrique, localizada na capital da Argélia, Argel, projetada pelo arquiteto francês Jean-Eugène Fromageau. A catedral, construída entre os anos de 1858 e 1872, tem uma composição eclética, com predominância de elementos romano-bizantinos, e precede outra famosa catedral, construída segundo os mesmos padrões estilísticos, a Basílica da Sacré-Cœur de Montmartre, em Paris, construída entre 1875 e 1914.



Figura 2. Cartão postal da Notre-Dame d'Afrique, em Argel, na Argélia, de 2 de outubro de 1906. Coleção Augusto Oliveira. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

É curioso, entretanto, que com essa massiva documentação relativa à arquitetura dos séculos XIX e princípio do XX as imagens presentes na maior parte das coleções do Cehibra não estejam indexadas por termos como “Eclétismo”, “Arquitetura Eclética”, “Arquitetura neogótica” ou “Arquitetura neoclássica”, dentre outras denominações referentes aos historicismos praticados na arquitetura, tanto no Brasil quanto no mundo, ao longo desse período. Um pesquisador que se interesse por documentos da arquitetura desse período terá que conhecer, previamente, a existência de tais edificações e fazer suas buscas pelos nomes dos locais onde esses edifícios estão situados para, então, localizar, nas imagens resultantes da pesquisa, as edificações de cunho historicista que o interessem. Isso não acontece, no entanto, com a coleção **Eclétismo**, rapidamente mencionada anteriormente, que, recentemente, foi completamente catalogada, digitalizada e indexada com termos próprios da arquitetura historicista, tendo o seu catálogo publicado em 2020.



A formação da coleção **Ecletismo** se dá a partir da percepção de uma grande lacuna documental em relação à arquitetura produzida no Recife ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século passado, um acervo edificado que, a partir dos anos 1980, se mostrava cada vez mais destruído e descaracterizado, demandando uma ação urgente para o registro daqueles exemplares arquitetônicos e, posteriormente, a sua preservação. Embora a preservação de edificações históricas se faça presente na legislação municipal recifense desde 1979, a maior parte dessas zonas de proteção se localizam na região central da cidade, contemplando algumas poucas áreas de subúrbio e não representam a riqueza e a diversidade da produção arquitetônica de cunho historicistas na capital pernambucana.

Foi diante desse problema que a Fundação Joaquim Nabuco, juntamente com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, patrocinaram a realização da pesquisa “O Ecletismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)”. Coordenada pela arquiteta Edja Bezerra Faria Trigueiro, tal pesquisa objetivou suprimir uma lacuna documental acerca das edificações produzidas a partir do fim do período colonial, ao longo de um século, que mostram a riqueza e a diversidade da produção arquitetônica de cunho historicista ainda existente no Recife. São edificações que registram o processo de crescimento e expansão da capital ao longo de um largo período, que, até então, possuía pouquíssimos registros. Um acervo arquitetônico relevante que ainda sofre um “acelerado processo de transformação, que vem apagando, do cenário e da memória, vestígios daquela evolução, substituídos por espigões murados e shopping centers” [Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação].

A casa de residência, parcela maior do cenário edificado de então e vítima preferencial da especulação e do descaso nos planos de preservação de hoje é, entretanto, o tipo construtivo que melhor revela aspectos sociais e materiais da existência urbana e da absorção de padrões culturais, construída, na grande maioria, sem a atuação de profissional erudito e refletindo o gosto e as possibilidades materiais do proprietário, além do grau de desenvolvimento das técnicas e da indústria [Relatório Final da Pesquisa, Introdução. 16 de março de 1988, sem paginação].

A pesquisa se deu entre 1985 e 1988, tendo como marcos temporais os anos de 1840 e 1940 em função do entendimento que teria sido esse o momento no qual a cidade rompeu com uma herança arquitetônica, ligada à colonização portuguesa, e passou a apresentar nas suas construções os mais variados elementos arquitetônicos e estilísticos vinculados a uma produção de cunho historicista, influenciada por países europeus como a França e a Inglaterra, na pesquisa, genericamente chamado de “Ecletismo”. O primeiro marco temporal, 1840, foi escolhido em função da construção do Teatro de Santa Isabel, mostrado na **Figura 3**, que é tido como o grande introdutor e popularizador da estética Neoclássica na, então, província de Pernambuco. Projetado pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier, o teatro fez parte de uma série de obras públicas, que objetivavam modernizar o Recife, promovidas por Francisco do Rego Barros, o futuro Conde da Boa Vista. Já o ano de 1940 foi escolhido como marco temporal para o fechamento da pesquisa em função de ter sido considerado, a partir desse momento, que as inovações ocorridas na arquitetura europeia desde, pelo menos, os anos de 1920, começaram a alterar o perfil do Recife, sendo um grande exemplo das mudanças desse período as reformas do bairro de Santo Antônio, que culminaram com a construção da Avenida Guararapes.



Figura 3. Teatro de Santa Isabel. Manoel Tondella, 1900. Coleção Manoel Tondella. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

A área pesquisada contemplou uma região da cidade que se expandiu a partir das primeiras décadas do século XIX e exclui os bairros centrais do Recife, Santo Antônio e São José, por considerar tanto que essas eram regiões recifenses já historicamente muito bem documentadas, sendo objeto de muitas ações de preservação por parte do poder público, quanto por serem regiões com um processo de ocupação já bastante consolidado desde o período colonial. O que se entendeu, naquele momento, é que as transformações ocorridas nesses bairros centrais se deram, de forma geral, na linguagem formal das fachadas, sem incorporar as variações e jogos volumétricos com maiores recuos ocorridos nos arrabaldes da cidade. É importante, no entanto, fazer duas observações em relação a essas escolhas, visto que o núcleo mais antigo do bairro da Boa Vista foi documentado, embora o seu processo de consolidação ainda remeta ao período colonial. Por outro lado, o Bairro do Recife, que não foi documentado pela pesquisa, foi quase que inteiramente remodelado a partir de uma reforma urbana, ocorrida no início do século XX, e foi, talvez, o principal popularizador, na capital pernambucana, da estética da *Belle Époque*.

A área pesquisada pode ser mais bem visualizada no mapa presente na **Figura 4**, e engloba quatro grandes áreas cidade, divididas a partir de processos de ocupação específicos. São elas: a **Boa Vista e Arredores**; a **Várzea do Beberibe**; a **Várzea do Capibaribe**; e a **Várzea do Tejipló**, todas elas com suas subdivisões.

A Boa Vista e seus arredores e as três várzeas principais, do Tejipló, do Capibaribe e do Beberibe com suas primitivas vias de penetração, que aparecem na planta de 1855 (de autoria de José Mamede Ferreira), concentram a malha urbana que se desenvolveu durante o período estudado

[Relatório Final da Pesquisa, Abrangência. 16 de março de 1988, sem paginação].

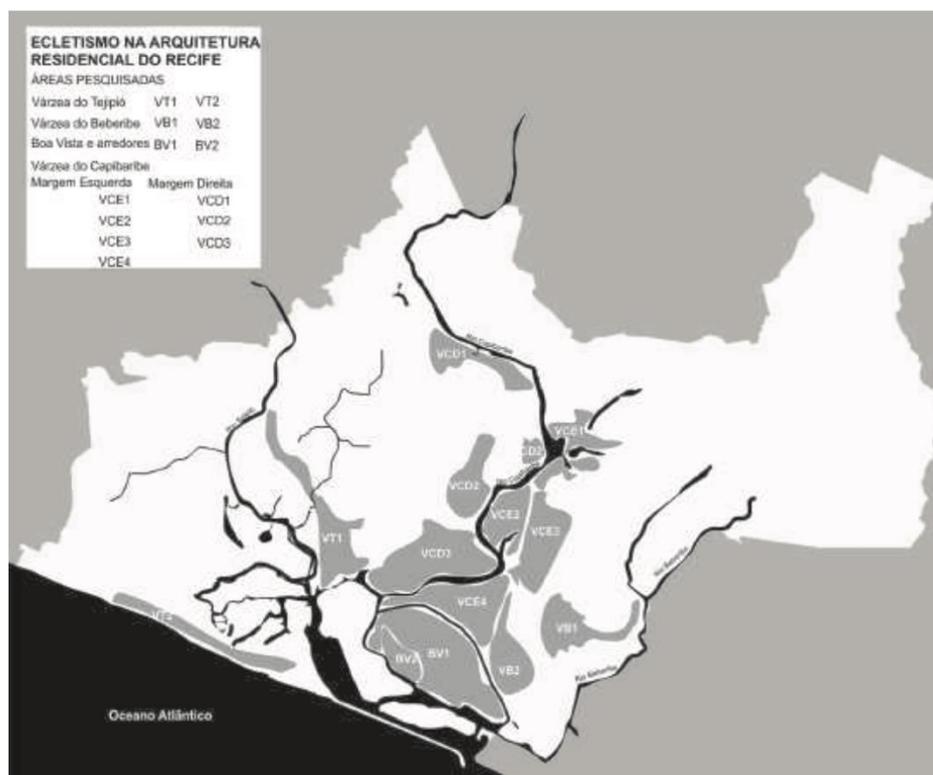


Figura 4. Áreas Pesquisadas. Anexo 6 do Relatório Final da Pesquisa, 16 de março de 1988 [CANTARELLI, 2020].

A região da **Boa Vista e Arredores** foi subdividida em dois núcleos, sendo o primeiro o **Núcleo Antigo da Boa Vista**, que compreende uma área de ocupação mais antiga, remetendo aos séculos XVII e XVIII, além das áreas de expansão, nos séculos XIX e XX e os seus entornos imediatos. Já a outra subdivisão da região foi chamada de **Arredores da Boa Vista**, e compreende ao restante da ilha fluvial, majoritariamente ocupado a partir do século XIX, onde estão localizados outros bairros centrais da cidade, como Soledade, Santo Amaro e parte do Paissandu, além de alguns trechos de ocupação mais recente da própria Boa Vista. Essa é, talvez, a região mais diversa coberta pela pesquisa, que inclui um amplo leque de edificações que cobrem, facilmente, mais de 200 anos da trajetória arquitetônica na capital pernambucana. Nela encontramos desde sobrados e casas datadas do período colonial, que receberam novos tratamentos de fachada nos séculos XIX e XX, como o presente na **Figura 5**, até mesmo as novas tipologias edilícias que surgiram no Recife, como os palacetes ecléticos, os chalés românticos, as casas neocoloniais e pitorescas, como a representada na **Figura 6**. Esta última, se trata de um dos melhores exemplares da chamada Arquitetura Pitoresca construídos na cidade, apresentando diversos elementos característicos, tais como revestimento em pedra, telhado piramidal, estuque imitando estruturas do tipo enxaimel e mãos-francesas de madeira.



Figura 5. Rua Velha, n.º 403, junto ao Largo da Santa Cruz, Boa Vista. Edja Trigueiro, junho de 1986. Coleção Eclétismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Figura 6. Rua José de Alencar, n.º 367, Boa Vista. Eliane Velozo, junho de 1987. Coleção Eclétismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

A **Várzea do Capibaribe**, territorialmente a maior região estudada na pesquisa, compreende uma vasta área ocupada desde o período colonial e foi subdividida em dois grandes núcleos, a sua margem **Esquerda** e a sua margem **Direita**, estas, por sua vez, com subdivisões que somam sete áreas de estudo que abrangem vinte e um bairros da cidade, que parte da Várzea e vão até o Paissandu, passando por lugares como Apipucos, Casa Forte, Graças, Torre e Madalena, dentre muitos outros. A **Várzea do Beberibe**, dividida em apenas duas áreas, também possui uma ocupação que remete ao período colonial e está localizada nas proximidades da fronteira com a cidade de Olinda. Por fim, a **Várzea do Tejipió** também foi dividida em duas áreas, sendo uma delas localizada ao longo da antiga Estrada da Vitória, que partia do Largo da Paz em direção ao interior do estado, de ocupação mais antiga, e uma outra, ocupada a partir da década de 1920, que compreende à faixa litorânea das praias de Boa Viagem e do Pina. Exemplares documentados dessas regiões podem ser visualizados nas **Figuras 7, 8, 9, 10 e 11**.



Figura 7. Avenida 17 de Agosto, n.º 713, Santana, na margem Esquerda da Várzea do Capibaribe. Severino Ribeiro, maio de 1985. Coleção Ecletismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Figura 08. Avenida Rui Barbosa, n.º 779, Graças, na margem Esquerda da Várzea do Capibaribe. Severino Ribeiro, maio de 1985. Coleção Ecletismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Figura 09. Rua Real da Torre, n.º 1435, Torre, na margem Direita da Várzea do Capibaribe. Rucker Vieira, maio de 1985. Coleção Ecletismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Figura 10. Conjunto de edifícios comerciais localizado na Avenida Beberibe, Arruda, na esquina com a Rua José Austregésilo, na Várzea do Beberibe. Severino Ribeiro, abril de 1985. Coleção Eclétismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Figura 11. Rua Falcão Lacerda, n.º 5769, Coqueiral, na Várzea do Tejipló. Edja Trigueiro, junho de 1986. Coleção Eclétismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

A pesquisa “O Eclétismo na Arquitetura Residencial do Recife (1840-1940)” gerou uma vasta documentação fotográfica acerca de um acervo arquitetônico que segue desaparecendo (a título de exemplo, as edificações presentes nas **Figuras 7, 9, 10 e 11**, foram completamente demolidas ou irreversivelmente descaracterizadas). Ao todos, foram documentadas mil seiscentos e trinta e cinco construções, ao longo de quase mil e quatrocentos negativos, sendo essas fotografias produzidas entre março de 1985 e novembro de 1987, tendo sido, ainda, incorporadas, posteriormente, algumas imagens, de autoria não identificada, mostrando a demolição de algumas das edificações registradas ao longo da pesquisa.



Figura 12. Demolição do edifício localizado na Rua Bispo Cardoso Ayres n.º 145, Santo Amaro. Fotografia não identificada, entre 1987 e 1992. Coleção Eclétismo. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Após o fim da pesquisa, em 1988, esse acervo ficou depositado sob a guarda do Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade, o Cehibra, da Fundação Joaquim Nabuco, porém, sem receber o tratamento técnico para disponibilização das imagens para pesquisadores. No entanto, essa situação muda a partir de 2013, quando a coleção passou a receber o devido tratamento para a sua completa disponibilização ao público. Todos os negativos e as ampliações fotográficas incorporadas posteriormente ao fim da pesquisa foram reacondicionadas em embalagens de papel, registradas e catalogadas, tendo início, pouco tempo depois, o processo de digitalização completo da coleção. Foi a partir dessa digitalização dos negativos que foi possível fazer correções nos endereços de algumas edificações, que estavam registrados de forma incorreta no inventário inicial da coleção. A digitalização também permitiu uma melhor visualização dessas imagens, o que tornou possível a sua indexação, que, de forma inédita na instituição, buscou elencar elementos próprios e termos técnicos de arquitetura que facilitassem buscas mais direcionada por pesquisadores. Todo esse processo culminou em 2020, com o lançamento do catálogo da coleção **Eclétismo**, composto por



uma seleção de trezentas e três imagens, feita a partir de um universo de mil trezentos e noventa e sete registros, que recebeu o título de “Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo” [CANTARELLI, 2020]. Uma seleção de imagens que buscou contemplar todo o leque diverso de edificações documentadas nas quatro macro regiões pesquisadas, que compreende desde edificações do final período colonial até às construções pitorescas e neocoloniais da primeira metade do século XX, passando ainda por todo o leque diverso de influências historicistas e mostrando a riqueza da produção arquitetônica da capital pernambucana ao longo do século XIX e da primeira metade do século passado.

3. Considerações finais

Ao longo dos anos, a Fundação Joaquim Nabuco reuniu e preservou um importante acervo fotográfico que serve de base para muitas pesquisas acerca da arquitetura produzida tanto na capital pernambucana quanto em outras localidades do mundo. Os historicismos na arquitetura, que na Europa surgem ainda no século XVIII e se popularizam nas Américas, especialmente, a partir do século seguinte está maciçamente bem representado nesse acervo, que pode se tornar incontornável a um pesquisador a depende dos seus recortes temáticos e geográficos.

Como já foi dito, essa documentação, no entanto, carece de uma indexação mais detalhada, com termos próprios da arquitetura, que facilite a vida desses pesquisadores ao consultarem as coleções da Fundação. Questão esta, bem resolvida em relação à coleção **Ecletismo**, que durante o processo de indexação das imagens, marcou termos arquitetônicos como “lambrequim”, “neogótico”, “neocolonial”, “chalé”, dentre outras terminologias próprias da arquitetura produzida nos oitocentos e no princípio da década seguinte. Foi uma atitude importante, que facilitará as próximas pesquisas nessa coleção e que, no processo de revisão das informações de outras coleções, que ocorrerem no futuro, deverão ser expandidos para o restante do acervo.

Referências

- CANTARELLI, Rodrigo. “Historicismos na arquitetura dos subúrbios recifenses, um recorte da Coleção Ecletismo”. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 2020.
- JUCÁ, Joselice. “Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo”. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1991.
- MALTA, Albertina Otávia Lacerda; ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Benício Dias: Fotografias. Recife: CEPE, Fundaj/Ed. Massangana, 2016.
- MEDEIROS, Ruth de Miranda Henriques. “Arquivos & coleções fotográficas da Fundação Joaquim Nabuco”. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1995.
- O MUSEU do Homem do Nordeste. São Paulo: Banco Safra, 2000. (Coleção Museus Brasileiros)
- TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria. “Oh de fora! Um estudo sobre a arquitetura residencial pré-modernista do Recife, enquanto elemento básico de ocupação do cenário urbano.” Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: UFPE, 1989.